

INTERAÇÕES SENSÍVEIS COM O ESPAÇO URBANO E DEFICIENTES VISUAIS

ORTEGA, Camila Parolin ¹; ROZESTRATEN, Artur Simões ²; POLIDORI, Mauricio Couto ³; Anderson Pires ⁴; RITTER, Carolina ⁵.

^{1, 4, 5} Acadêmicos de Arquitetura e Urbanismo da UFPel.

Rua Benjamim Constant, 1359 - Campus Porto - Pelotas/RS

² Orientador, professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP – Departamento de Tecnologia.

Rua do Lago, 876 – Cidade Universitária – São Paulo/SP

³ Co-orientador, professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel – Departamento de Urbanismo.

Rua Benjamim Constant, 1359 - Campus Porto - Pelotas/RS

¹ ortega.milla@gmail.com ; ² artur.rozestraten@usp.br ; ³ mauricio.polidori@terra.com.br ; ⁴ anderson.pires.aires@gmail.com ; ⁵ rittercarolina@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

A presente proposta de pesquisa consiste em entender, conhecer e analisar a percepção que as pessoas com algum tipo de deficiência visual, seja ela parcial ou total, possuem da arquitetura, em um mundo onde a visão é prioritária aos outros sentidos. E também, como arquitetos e estudantes podem desenvolver estratégias para projetar de forma que essa interpretação espacial seja positiva, para então aproximarmos a arquitetura com o universo mais sensível e tátil dos deficientes visuais.

O deficiente visual acaba perdendo a linguagem estética e formal que desenvolvemos na vivência da arquitetura e do urbano, pois na maioria das vezes, são eles os mais excluídos no que diz respeito a essa preocupação e sua percepção do espaço urbano que o envolve é diferente, pois dão prioridade a outros sentidos, como o tato e a audição. Segundo Pallasmaa (2011) entende-se que a arquitetura e o urbanismo podem ser observados e sentidos por todos e não é apenas através do sentido “visão” que apreciamos essa técnica e arte, mas também através dos outros sentidos e no caso desse estudo, principalmente o tato e a audição são imprescindíveis na interação deficiente visual, arquitetura e espaço urbano.

A intenção deste estudo é colaborar na inclusão do deficiente visual no espaço construído, entender a percepção diferenciada que eles têm do espaço construído, seja ele edificado ou urbano. Além de relatar suas experiências e considerações sobre sua percepção do ambiente urbano. Acrescentando aos estudos e práticas projetuais um estudo mais aprofundado sobre a arquitetura para deficientes visuais, pois se acredita que a arquitetura deve considerar outros sentidos além da visão e resgatar o uso da percepção que foi suprimido das práticas educacionais dos ateliers, acarretando num empobrecimento do conhecimento e isolando essa parcela da população.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

O desenvolvimento do trabalho se dará por uma revisão bibliográfica sobre temas da percepção ambiental, seguida de visitas à Fundação Dorina Nowill – São Paulo/SP e à Instituição Louis Braille – Pelotas/RS para o levantamento de dados e interação com a comunidade das instituições. Por fim a pesquisa propõe o registro e a interpretação da interação de um grupo de pessoas com deficiência visual com os espaços urbanos, através de maquetes táteis e trilhas sonoras urbanas.

Essa interação ocorrerá da seguinte maneira:

Através de oficinas que serão realizadas com um grupo de 3 a 4 pessoas com deficiência visual, total ou parcial, de diferentes faixas etárias, localização geográfica, classe social e escolaridade.

- Etapas dessa experiência:

- I- Conversa com a Instituição para um conhecimento maior do assunto e apresentação da idéia de pesquisa
- II- Conversa com o grupo de deficientes visuais sobre as arquiteturas e os espaços urbanos conhecendo como e o que percebem dos espaços em que vivem.
- III- Experiências Táteis (1) e Sonoras (2):
 - (1) Maquetes realizadas pelos próprios deficientes visuais do espaço urbano que o rodeia, sua mobilidade em casa, na cidade e o que percebem/sentem desse espaço.
 - (2) Trilha Sonora Urbana e Sensações: Saídas pela cidade com os deficientes visuais, fazendo o caminho que eles conhecem e estão mais acostumados, dando um enfoque nos sons urbanos e selecionando os mesmos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entender como os deficientes visuais percebem e interagem com as arquiteturas e o espaço urbano; verificar quais os aspectos positivos e negativos dessa interação e como ela é realizada; analisar os conceitos da bibliografia consultada e o impacto da interação entre os deficientes visuais e sua percepção da arquitetura e do meio urbano; produzir subsídios teóricos para auxiliar profissionais de arquitetura e urbanismo em suas práticas projetuais e de ensino acadêmico, além de obter relatos e representações tridimensionais e sonoras.



Figura (1)

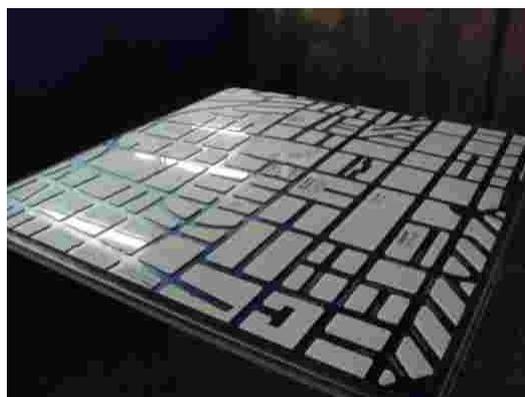


Figura (2)

Figuras (1) e (2) Caminhos para deficientes visuais (direita) e Mapa Tátil (esquerda), Metrô de São Paulo/ SP. (FONTE: Camila Ortega).

4 CONCLUSÃO

Atualmente há uma supressão das esferas sensoriais e super valorização da visão quando se trata de arquitetura e urbanismo, provocando um empobrecimento do conhecimento e um isolamento dessa parcela da população. A intenção dessa pesquisa é reaver esse conhecimento tanto nas práticas em ateliers, quanto na prática profissional dos arquitetos e urbanistas e numa maior aproximação do universo dos deficientes visuais, no que diz respeito à percepção urbana que o envolve.

5 REFERÊNCIAS

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da Pele, arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre, Bookman, 2011.

ARISTÓTELES. **De Anima**. São Paulo, Editora 34, 2006.

OKAMOTO, Jun. **Percepção Ambiental e Comportamento**. São Paulo, Editora Mackenzie, 2002.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo, Difel, 1983.

CASTELLO, Lineu. **A Percepção de Lugar. Repensando o conceito de lugar em Arquitetura e Urbanismo**. Porto Alegre, PROPAR-UFGS, 2007.

MUNARI, Luiz, **O Costume da Arte**. FUPAN, São Paulo, 2002.

RASMUSSEN, Steen Eiler, **Arquitetura Vivenciada**, São Paulo, Editora MARTINS FONTES, 1986.

HALL, Edward. **A dimensão Oculta**, São Paulo, Editora MARTINS FONTES, 2005.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a Arquitetura**, São Paulo, Editora MARTINS FONTES, 1989.